

## O JOGO DO BRINCAR EM WINNICOTT

Maria Fernanda Guita Murad

Atrelado ao conceito de transicionalidade, o ‘brincar’ em Winnicott adquire uma dimensão constitutiva do sujeito e também sua possibilidade criativa, condição básica para o processo de maturação. A este espaço de brincar Winnicott chamou de “espaço potencial” e é de início pensado como um espaço que se forma entre a mãe e o bebê.

No início da relação de maternagem, a mãe experimenta um estado que Winnicott denominou de “preocupação materna primária”, onde a mãe, num movimento regressivo, está identificada com o bebê, numa “psicose normal”, e atende de forma sensível às necessidades da criança. Este estado inicial é marcado também pelo que o autor conceituou como “mãe suficientemente boa”, isto é, aquela que é capaz de atender e frustrar o bebê em suas necessidades. Ao mesmo tempo que se posicionará de forma empática em relação ao bebê, não poderá satisfazê-lo plenamente, pois ela própria porta uma falta característica do humano.

A mãe oferece ao bebê, portanto, um holding, expressão escolhida por Winnicott para designar este campo acolhedor, de compreensão de seus estados afetivos. **No início de sua constituição o bebê percebe a voz da mãe.** A criança percebe sensações provenientes dos seus órgãos de sentido, como a pele, a audição, o paladar, o cheiro e a visão. Conforme o autor, a pele é um órgão bastante precoce no bebê, sendo susceptível inclusive a processos de somatização. Portanto, no início de sua vida, o que um bebê irá registrar em seu corpo são marcas não verbais. Os sons, a voz, o cheiro, o olhar da mãe terão uma importância relevante. Porém, isso ocorrerá na medida em que estes estejam carregados de afeto. O afeto materno é que possibilitará a incidência das marcas pré verbais no bebê. Posteriormente, ao ingressar na linguagem verbal, essas marcas irão se ligar às representações verbais e possibilitar associações mais ricas ao sujeito. **Contudo, é importante notar que deve haver uma coerência entre o que foi sentido e o que foi dito.** Esta coerência permitirá o desenvolvimento do verdadeiro Self.

Não obstante, **a subjetividade da criança também estará em jogo**, pois sabemos que a carga afetiva, pulsional do bebê também mobiliza a mãe. Contudo, é a mãe que

através de seus gestos garantirá a criança este ambiente acolhedor e de confiança básica. **A frequência dos gestos maternos, sua repetição, garantirão à criança uma coerência afetiva.** Sabemos através das observações de bebês, que estes não progredem satisfatoriamente em seu processo de maturação se receberem cuidados de pessoas diferentes nos primeiros anos de vida. A criança, nessa fase, estando ligada à comunicação não verbal, não identificando a palavra como símbolo universal de comunicação, estará mais dependente do outro, e este deverá ter uma certa permanência para que ela reconheça esse tipo de comunicação.

Sabemos que os gestos de uma pessoa lhe são muito particulares, mais do que a linguagem verbal. A comunicação verbal também porta a singularidade de quem a pronuncia; contudo, a criança não pode identificar isso. Portanto, para o autor, nos primeiros anos de vida o importante são os gestos experimentados pelo bebê através de seus órgãos dos sentidos.

O autor em seu artigo, “Desenvolvimento emocional primitivo”, descreve três processos fundamentais na constituição do sujeito. Seriam estes a “integração”, a “personalização” e a “realização”. Todos esses momentos são fundamentais para a constituição do psiquismo, mas é na fase de “personalização” que a criança começa a construir o “objeto transicional”, conceito que nos interessa especialmente neste estudo para compreendermos a importância do brincar para Winnicott. É importante ressaltar que o autor observa que **há um entrelaçamento entre esses três períodos descritos por ele, ou seja, um depende do outro na constituição do self.**

No período de “integração”, o mais inicial para o bebê, o que ocorre é uma **não-integração primária**, onde o que existe é um **estado de fusão mãe-bebê**. Estes formam uma unidade na vivência do bebê. É o momento em que a mãe encontra-se no estado de “preocupação materna primária”, atendendo da melhor forma possível as demandas do bebê.

No período de “realização”, o bebê, através das experiências de satisfação, percebe que o objeto alucinado, o seio materno, se oferece novamente a ele, oferecendo um material mais rico para a alucinação seguinte, construindo assim, **a capacidade no bebê de evocar o que existe na realidade.**

Dessa forma, se constrói **a objetividade na criança**, através de uma **coerência entre realidade psíquica e realidade externa**. **O desejo da mãe de satisfazer o bebê é fundamental nesse momento**, conforme Winnicott, é preciso que ambos vivam essa experiência juntos. Disso irá resultar um primeiro laço com um objeto externo ao self.

A **“personalização” é a experiência de que se habita o próprio corpo**. Conforme o autor, a construção do verdadeiro self dependerá dessa condição. É o período em que o bebê irá construir o “objeto transicional”, objeto este que o possibilitará lidar com a presença-ausência da mãe. É transicional no sentido de que o bebê lança mão dele para substituir a mãe durante o processo de simbolização e por se situar entre o bebê e o mundo que este vivencia. Não é um objeto transitório que será abandonado como ilusório, sem conteúdo, mas um objeto que, embora gradativamente substituído, fará parte da constituição do sujeito enquanto possibilidade de relações objetais simbólicas. Este objeto terá o cheiro da mãe ou alguma ligação com o ambiente materno. No início de sua constituição, há uma oscilação, o objeto ora representa a mãe, ora representa o bebê. A individuação ainda não está realizada para o bebê. Isto só ocorrerá no final do período de ‘realização’, onde o bebê já poderá diferenciar o Eu do mundo externo.

Sendo assim, o “brincar” em Winnicott é visto como a capacidade de construir relações objetais onde o outro é diferenciado do Eu, onde a mediação simbólica dá consistência ao vínculo com o objeto. É o que Winnicott chama de um bom “uso do objeto”, ou seja, a aceitação integral do outro nas suas possibilidades, sem desejo de posse. O “brincar” deverá estar, portanto, em todas as relações objetais ao longo da vida do sujeito. É a possibilidade de lidar com o outro e consigo mesmo de forma criativa, sem aprisionamento de sentidos. O “espaço potencial” deve ser preservado na relação com o outro, já que nele a reedição da relação mãe-bebê pode ser vivida de forma adulta. A transicionalidade como possibilidade de construir relações objetais com mediação simbólica pelo sujeito faz com que este lide com o outro de forma criativa, num “brincar” repleto de inovações.

Na experiência analítica, Winnicott propõe que o analista “ensine” o analisando à brincar, isto é, através da relação de confiança estabelecida no setting analítico, ambos, paciente e analista, poderão “brincar juntos”, construindo novas formas criativas de entender o mundo, e consequentemente, construir novas formas de subjetividade.

## Referências Bibliográficas:

SAFRA, G. (1996). *Momentos Mutativos em Psicanálise: Uma Visão Winnicottiana*. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo.

WINNICOTT, D. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise*. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1956). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise*. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1971). O brincar: uma exposição teórica. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Rio, 08 de dezembro de 2009.

- A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.